

Alemães estão reduzindo os investimentos no Brasil

Graça Magalhães-Ruether
Correspondente

BONN — Os alemães estão reduzindo drasticamente os investimentos no Brasil — disse ontem o Ministro Aureliano Chaves, das Minas e Energia, depois de encontros com representantes do Governo e da indústria alemães. Entre Praga, onde foi fechado com o Governo Tcheco um acordo para a exportação de minérios, e Strassburg, onde ele foi convidado a proferir uma conferência no parlamento europeu, o Ministro aproveitou a semana para uma visita à Alemanha Ocidental e ver de perto as causas da redução dos investimentos.

— Só para ter uma idéia — disse ele em entrevista ao GLOBO — enquanto os investimentos alemães na Itália cresceram de 200 milhões para 1,2 bilhões de marcos, na Inglaterra, de 2 para 2,5 bilhões, no Brasil está havendo um decréscimo bastante significativo.

Enquanto no passado os alemães traziam mais dinheiro do que levavam, no último ano houve um desinvestimento, quer dizer, “o fluxo líquido de capital alemão para o Brasil foi negativo, veio mais marcos do Brasil para a Alemanha do que chegaram marcos alemães no Brasil”.

As causas são meio vagas, mas uma observação aguda do Ministro alemão da Economia, Martin Bergmann, explica a reserva dos empresários do País. Há um clima de expectativa, e concretamente foi mencionada a Lei da Informática, que é também atualmente o tema preferido de qualquer comentário sobre o Brasil.

Embora Aureliano Chaves não veja na observação do Ministro alemão — que sugeriu uma mudança da lei, quer dizer, abertura do mercado para os estrangeiros — uma intromissão, ele vem mostrando em vários encontros com representantes do Governo que “a lei é sentença transitada”, ou “samba de uma nota só”, como comentou o embaixador brasileiro Jorge de Carvalho e Silva.

Os alemães — conclui o Ministro — não têm motivo para pensar assim, já que o capital deles neste setor, no Brasil, é muito pequeno, e não se pode comparar, por exemplo, com a importância que tem a VW do Brasil para a VW da Alemanha. Mas ele está “esperançoso de que os alemães, depois de fazer uma avaliação mais profunda do assunto, retornem a um investimento mais intenso no Brasil”.

Depois de encontros com os Mi-

nistros da Economia e da Tecnologia, Heinz Riesenhuber, no primeiro dia de visita, Aureliano Chaves dedicou o seu dia de ontem a contatos com empresas. Ele visitou a filial da KWU em Meuhlehim, almoçou com o Prof. Hermann Georgen, da Sociedade Parlamentar Teuto-Brasileira e, à tarde, foi visitado na Embaixada do Brasil por dois representantes da empresa Thyssen.

A visita à KWU foi apenas de cortesia. “Não havia nada de novo para dizer”, a não ser o que já fora decidido no Brasil de continuação das usinas Angra 2 e 3. No caso da primeira, os equipamentos já foram todos comprados e 70 por cento das obras estão prontas. Angra 3 continuará sendo construída até 1993. O que vai acontecer depois disso, será decidido por um governo posterior.

“Tchernobil — disse Chaves — atingiu o mundo todo, mas o setor da energia nuclear não pode ser decidido em um clima emocional. O Brasil tem características próprias, quer dizer, nós não estamos espremidos como, por exemplo está a Alemanha Ocidental a gerar energia de origem nuclear. Mas a energia nuclear é um setor que não pode ser descuidado em nenhum país do mundo”.

O encontro com os representantes da Thyssen foi importante para o Ministro porque trata-se de uma empresa que já está presente no Brasil desde há muitos anos. Ela importa mineiros de ferro e export para o Brasil produtos acabados. Além disso — como comunicou ontem — tem planos de expandir os seus negócios no Brasil. Onde exatamente e em que proporções, não foi divulgado ainda.

A visita de Aureliano Chaves à Alemanha Ocidental tem por principal objetivo uma expansão dos negócios, embora não esteja previsto nenhum acordo concreto.

— O que nós temos que fazer? Buscar expandir o comércio externo, como condição fundamental para a própria expansão do comércio interno. É claro que o Brasil tem um mercado interno muito importante, mas todos os países do mundo, em maior ou menor escala depende do comércio externo.

Hoje, acompanhado do Embaixador Jorge de Carvalho e Silva, o Ministro vai ter um encontro com o Secretário de Estado do Ministério das Relações Exteriores, Lutz Stavenhagen. Depois, visita a firma Wirt GMBH, em Erkelens, às margens do Reno, acompanhado do Diretor Comercial da Petrobrás, Hindenburgo Bueno dos Santos, para ver equipamentos de exploração de petróleo em alto mar.